



Jornal Negócios

02-07-2015

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Negócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 18239

Temática: Política

Dimensão: 8190

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/10 a 18



**REDAÇÃO ABERTA
ANTÓNIO COSTA**

PS a subir, a dívida, o lixo e as biografias

Os planos para virar a página da austeridade.

Os elogios aos chineses e a “bicada” à Altice.

O que diz sobre os seus adversários políticos.

Miguel Barralzar

António Costa respondeu às perguntas dos jornalistas do Negócios durante cerca de três horas e prometeu voltar se for primeiro-ministro.

PRIMEIRA LINHA 10 a 18

REDACÇÃO ABERTA



ANTÓNIO COSTA

“NÃO FICAREI DE BRAÇOS CRUZADOS À ESPERA DE BRUXELAS”

ALEXANDRA MACHADO
CELSO FILIPE

COM ACM/PM/VR/WL

MIGUEL BALTAZAR
Fotografia

António Costa esteve pela primeira vez na Redacção Aberta, em Janeiro de 2014, na qualidade de presidente da Câmara de Lisboa. Na altura “tinham-me feito o desafio de voltar cá ano e meio depois como primeiro-ministro e cá estou. Esta é uma meia vitória.” Pelo caminho, saiu da câmara, foi eleito secretário-geral do PS, voltou ao Negócios e deixou uma nova promessa que espera cumprir. “Estou disponível para voltar cá, mesmo que em menos de um ano e meio, mas nessa nova condição.”

CV

ANTÓNIO LUÍS SANTOS DA COSTA nasceu a 17 de Julho de 1961 em Lisboa. Militante do PS desde a juventude, é licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e tem uma pós-graduação em Estudos Europeus, pelo Instituto Europeu da Universidade Católica de Lisboa. Em 1988 interrompeu a sua actividade como advogado para exercer funções políticas. A lista dos lugares ocupados pelo

actual secretário-geral do PS é extensa. Foi deputado entre 1991 e 1995, secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares entre 1995 e 1997, ministro com a pasta entre 1997 e 1999 e ministro da Justiça (1999-2002) em governos de António Guterres. Foi ministro da Administração Interna (2005-2007), no governo Sócrates, e presidente da Câmara de Lisboa entre 2007 e 2015. ■



A

página da austeridade pode ser virada sem que as regras europeias sejam violadas. “O nosso plano A é cumprir as regras, o que não implica e impede que tenhamos um plano B, que é procurar que as regras mudem”. António Costa, candidato a primeiro-ministro pelo PS, acredita que pode vir a construir uma estratégia própria no quadro da União Europeia, pelo menos diferente da do actual Executivo.

“Não ficarei de braços cruzados à espera que a Comissão me venha dizer que tenho de fazer mais um corte no sistema de pensões, ou mais um corte nos salários, ou mais um aumento do IVA para continuar essa corrida interminável pelo caminho da austeridade”. A submissão, que diz que o actual Governo seguiu, não é o caminho, mas o confronto, como fez o governo grego, também não. As regras são para serem cumpridas. O secretário-geral do PS acredita que o seu programa se enquadra nas regras existentes.

“Essa ideia de que a austeridade

é o caminho para o sucesso é a ideia errada que é preciso eliminar sob pena de só podermos continuar a caminhar para o insucesso. Aquilo que dizemos é que temos uma alternativa: a alternativa é o nosso programa, que vamos seguir e vamos aplicar”. Mesmo na proposta de descida da taxa social única (TSU) para os trabalhadores, António Costa acredita que “não viola regra nenhuma, nem precisa de autorização”, já que, nas contas feitas, “a medida é, em si própria, equilibrada nos quatro anos de exercício orçamental”.

Socorrendo-se do estudo feito pelos 12 sábios, António Costa admite que gostaria de repor os salários da Função Pública já em 2016 e eliminar logo a sobretaxa do IRS. Mas em nenhum dos casos foi considerado possível. E desabafo: “Não está no programa tudo aquilo que gostaríamos que estivesse”. Mas ainda assim o secretário-geral do PS acredita ter “todas as condições para alcançar o seu objectivo que é ganhar com maioria as próximas eleições”. ■

Moeda única. “Foi um erro ter-se criado o euro sem ter reforçado os mecanismos para a convergência. E aqui está uma das raízes para o problema.”



“A razão de ser da criação do euro foi um motivo político. Foi o de garantir a paz no quadro da unificação alemã.”

REDACÇÃO ABERTA **ANTÓNIO COSTA**

“

Há uma situação escandalosa de ter um Governo em fim de mandato, numa corrida desenfreada, a vender tudo aquilo que há para vender nas condições mais duvidosas.



PS pode ter maioria... até com ajuda de Cavaco

Masochismo é a palavra que António Costa escolhe para classificar quem vote na coligação PSD/CDS à procura de uma maioria. Não diz, no entanto, se aceitaria fazer parte de uma solução com a coligação num cenário em que PSD e CDS ganhassem as eleições mas sem essa maioria. “Para fazer o jogo dos cenários convidam para vir cá o professor Marcelo ou o Dr. Pacheco Pereira, alguém que esteja em condições de ser analista e comentador”. Essa função já António Costa deixou, agora que é o candidato a primeiro-ministro pelo PS. “O que me compete dizer com toda a franqueza aos portugueses é aquilo que eu acho ser a melhor solução: o PS ter maioria”. Não fala, por isso, em plano B. António Costa sinaliza, no entanto, que a existência de maioria não inibe compromissos políticos alargados. “Os poderes do Presidente da República, nos termos da Constituição, também estão muito claramente definidos”. É assim que responde quando questionado sobre a legitimidade de Cavaco Silva de não dar posse a um governo minoritário. O Presidente declarou que o futuro governo não pode deixar de ter o apoio maioritário da Assembleia. Costa não desarma: “O actual Presidente sabe do que fala porque foi o primeiro-ministro que tomou posse com o pior resultado eleitoral (29,5%). Sabe bem que a ausência de maioria é um factor de instabilidade. Presumo que seja com base na sua própria má experiência pessoal que perceba que não é recomendável haver um governo minoritário”. Por isso, Costa garante que se baterá por uma maioria e deixa o apelo a Cavaco Silva para que contribua para ela. “O senhor Presidente da República até pode ajudar a que haja um Governo maioritário. O voto também é livre para ele”. ■

“O grande mito é que este Governo geriu bem as finanças públicas. Este Governo geriu mal as finanças públicas.”

Sem falsas modéstias vê margem para PS subir

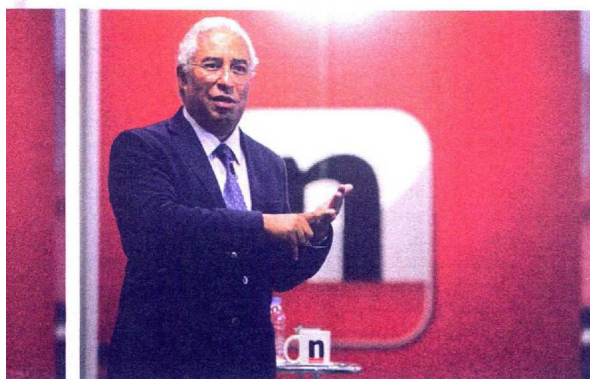
O que conta é o momento das eleições. Mas António Costa também faz a sua leitura das sondagens. “Revelam num ‘tracking’ contínuo de consolidação grande do PS, sete pontos acima dos resultados que teve nas eleições europeias, estando ou à frente ou em equilíbrio com a coligação de toda a direita, e num momento em que existe, ainda, um número elevado de pessoas que se declaram indecisas” e muitas à esquerda. Face a esta leitura, Costa não vê possibilidade de progressão da direita, mas vê “um espaço de evolução importante relativamente ao Partido Socialista”. Também pode ajudá-lo nesta caminhada para o Governo a taxa de rejeição da direita que diz ser muito grande, o que significa que estão indecisos mas não votarão à sua direita. Acrescenta outro dado: “à pergunta sobre qual das propostas merece mais confiança, a proposta do PS é largamente vencedora e na comparação entre as lideranças, sem falsas modéstias, a vantagem também é significativa”.

Tudo condições para o PS conseguir alcançar o seu objectivo: “ganhar com maioria as próximas eleições”.

Eleições que José Sócrates, preso preventivamente, diz estarem, com o seu processo, a tentar impedir que o PS ganhe. Foi numa entrevista ao DN/TSF que o ex-primeiro-ministro garantiu: “A verdadeira intenção da minha detenção abusiva e da minha prisão sem fundamento não foi perseguir crime nenhum, mas tão-só impedir o PS de ganhar as próximas eleições legislativas”. António Costa preferiu distanciar-se destas declarações de Sócrates. “O PS definiu uma linha relativamente a esse caso e a todos os casos judiciais e vai ser coerente com essa linha. Tal como não comentamos as decisões da acusação, era o que faltava comentar a actuação da defesa”. ■

“

Se o referendo fosse em Portugal também não gostaria que os líderes gregos se pronunciassem.



Pensões? Proposta do PS tem um lado simpático e um menos simpático

A promessa é reiterada: “nós recusamos liminarmente um novo corte das pensões, mas a proposta que temos é de manter, com exceção das pensões mínimas, um congelamento das pensões ao longo do período”. António Costa não esconde que a sua proposta “não tem só o lado simpático”. Há um outro lado “menos simpático”. Em nome do equilíbrio e sustentabilidade da segurança social.

Isto é a promessa para os actuais pensionistas. Para os futuros, “a nossa ideia é que, neste momento, se deve manter a reforma da segurança social que foi feita em 2007”, por Vieira da Silva, ministro da Segurança Social do governo de José Sócrates, do qual António Costa fez parte.

O projecto de Governo de António Costa passa, acima de tudo, pela diversificação das fontes de financiamento da segurança social. É nela que assenta, a seu ver, na sustentabilidade futura. “Para surpresa de muitos o Ageing Report [relatório da Comissão Europeia com projecções sobre a sustentabilidade financeira dos sistemas de pensões da Europa, publicado a cada três anos] revela, apesar de tudo, um nível de sustentabilidade do nosso sistema de segurança social muito superior ao que era o receio que existia face à evolução do quadro económico”. Por isso, “não devemos dar por esgotadas outras fontes de financiamento”, reitera António Costa, falando da possibilidade de as rendas de concessões que o Estado tem beneficiado poderem entrar nessas contribuições. ■

Caso Sócrates

“O que seria normal é que todo o processo decorresse no local próprio, que é nas esferas judiciais.

Hoje em dia, como sabemos, a fronteira entre o que é o espaço judiciário e o espaço público é cada vez menor.”

“

Foi absolutamente desastroso para a dinâmica do processo negocial cada fotografia que o Syriza publicava da senhora Merkel com o bigodinho do Hitler. Foram absolutamente desastrosas para toda a dinâmica desta negociação as sucessivas declarações de arrogância sobre a prescindibilidade da Grécia para a Zona Euro.



“Com tudo o que isso constitui de risco para transformar, agora por meios tecnologicamente mais aperfeiçoados, os antigos julgamentos populares a que o Estado de direito pôs fim.”

REDACÇÃO ABERTA **ANTÓNIO COSTA**



Imagem do Banco de Portugal está “degradada”

ELEIÇÕES

“Para fazer o jogo dos cenários convidam para vir cá o professor Marcelo ou o doutor Pacheco Pereira. O que me compete dizer, com toda a franqueza, é que a melhor solução é o PS ter maioria.”

SEGURANÇA SOCIAL

Rendas de concessões podem contribuir

A sustentabilidade da segurança social obriga a que no futuro se encontrem outras fontes de financiamento. “Para muitos há um axioma que o sistema contributivo deve financiar-se exclusivamente com base nos salários dos trabalhadores e das contribuições pagas pelas entidades patronais”, começa por dizer António Costa, cuja ideia de financiamento mantém essa raiz contributiva, mas que inclui outras. O IVA social já existe e Costa fala da taxa contra a precariedade, ou o imposto sucessório, ou ainda o IRC social. Mas, mesmo assim, “não creio que tenhamos esgotado aqui todas as formas possíveis de financiamento da segurança social”. Fala, mais uma vez, da eventualidade de algumas rendas de concessões de que o Estado tem beneficiado e utilizado para investimentos, sejam uma fonte de financiamento quando não haja necessidade de mais investimentos. Salva-guarda que essa é apenas uma ideia que carece de verificação da natureza dos regimes contratuais. Uma coisa é certa: “Há muito caminho para andar”.

É também a falar da segurança social que ataca o actual Executivo. “A política actual retirou ao sistema de segurança social oito mil milhões de euros, por isso, se prosseguirmos [com a mesma política] vamos continuar a retirar receita e a aumentar a despesa da segurança social”. Defende, assim, que “a melhor condição para dar sustentabilidade à segurança social é aumentar o número de contribuintes, aumentando o número de pessoas empregadas”.

Carlos Costa foi nomeado governador do Banco de Portugal por um Governo PS, depois de ouvido o PSD, então na oposição. Agora, Carlos Costa foi reconduzido pelo Governo PSD/CDS sem que o PS tenha sido ouvido e o processo merece críticas de António Costa, para quem a imagem da instituição se está a degradar.

“Não nos parece institucionalmente adequado que, estando a três ou quatro meses das eleições, o Governo entenda que este é o comportamento adequado, sem procurar concertar com a oposição essas soluções”. Críticas que se estendem a Carlos Costa. “Era bom que o senhor governador percebesse que a isenção e a imparcialidade não resultam da letra da lei, mas sim da forma como se relaciona com o conjunto do sistema político e como assume ou não assume mandato em nome de uma facção”.

Uma terceira preocupação tem a ver com aquilo que António Costa descreve como “a degradação da imagem do banco e da sua própria vida interna”. O líder socialista considera que o Banco de Portugal

é “uma instituição por natureza particularmente conservadora e, portanto, poupada a conflito ao nível da administração, nos processos internos de selecção para directores e nas garantias de isenção e independência relativamente à informação que produz, e era muito importante preservar isso”.

Na sua óptica, o Banco de Portugal está a seguir o caminho inverso. “É muito negativo ver instituições que sempre estiveram acima de qualquer conflitualidade serem arrastadas para uma degradação do quadro institucional que é, certamente, mais um factor a contribuir para esse sentimento de falta de confiança que as pessoas, depois, têm nas instituições”.

António Costa diz que o Banco de Portugal foi “esguio” na prestação de informação sobre o Novo Banco e lembra o passado recente: “a última vez que o Banco de Portugal transmitiu publicamente um sinal de tranquilidade em menos de um mês, o grupo financeiro a que se referia teve o resultado que teve. Mas desejamos que isso não se repita”. ■



O Negócios. “Costumo ler. Faz um bom esforço de informação na área económica e isso é muito importante. Toda a imprensa escrita vive um desafio muito cruel de competir com a migração para as plataformas digitais e, provavelmente, o futuro reservará outras formas de comunicação.”

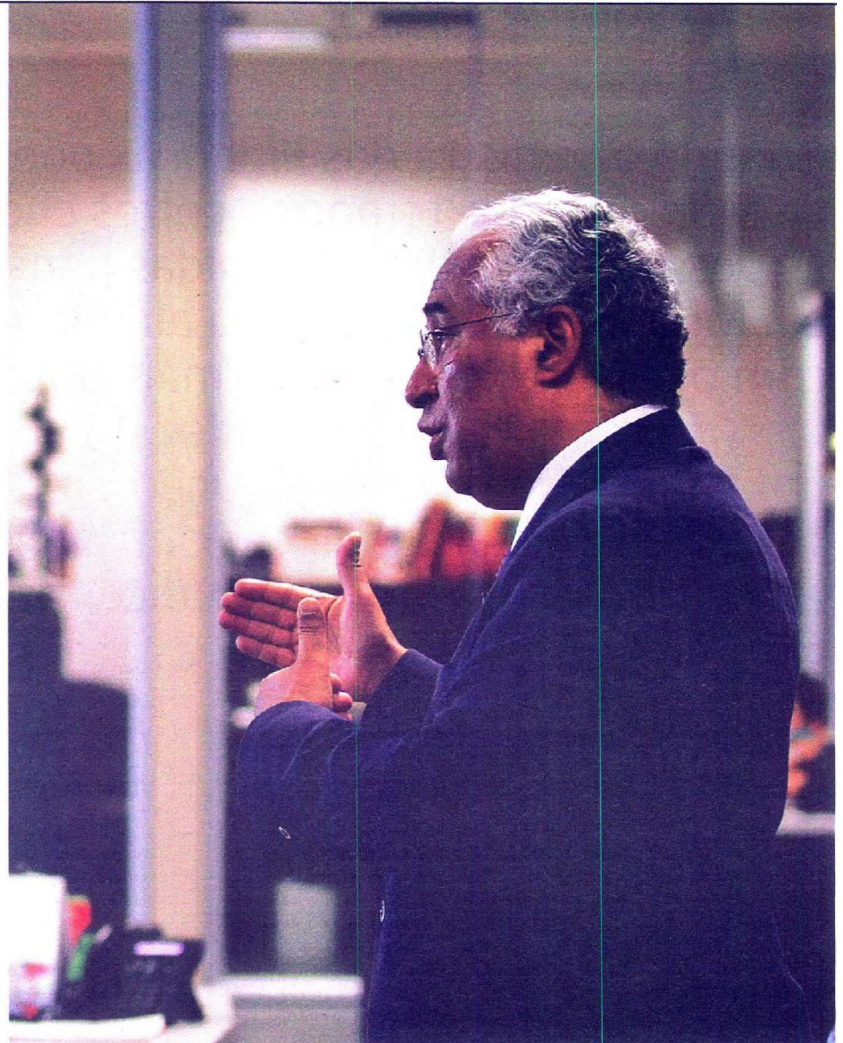
“O governador [do Banco de Portugal] parece julgar que basta ter a confiança da ministra das Finanças e do primeiro-ministro para ter a confiança dos portugueses. Está enganado.”

TSU

EDP e PT pagarão mais, têxteis e calçado menos

O PS está a propor que a taxa social única (TSU) paga pelos trabalhadores diminua de forma temporária. Nada a ver, lembra António Costa, com a proposta feita há dois anos pelo actual Executivo de aumentar a TSU dos trabalhadores para baixar a dos patrões nem a mais recente de diminuir a das empresas “com o objectivo mitológico de contribuir para aumentar a criação de postos de trabalho”. Costa propõe, no entanto, que se baixe as contribuições dos trabalhadores durante um período temporal, que, assim, teriam mais rendimento disponível. “A forma de aumentar o rendimento disponível de todos, e sobretudo daqueles que têm mais baixo rendimento, é reduzir aquilo que pagam de TSU, porque o seu rendimento é insensível à redução do IRS, porque já estão isentos”.

Quanto às empresas, António Costa prefere não falar de uma proposta de redução da TSU, mas antes da diversificação das fontes de financiamento. “Financiar exclusivamente a segurança social com base no volume da massa salarial não é uma forma duradouramente inteligente de melhorar a sustentabilidade da segurança social”. António Costa pensa na contribuição com base nos lucros, o que levaria a que empresas como a EDP ou a PT pagassem mais e empresas de mão-de-obra intensiva, como têxteis e calçado, pudessem pagar menos. Libertar as contribuições do salário pode, ainda, acrescenta Costa, contribuir para melhorar os ordenados. ■



INVESTIMENTO ESTRANGEIRO

A inteligência chinesa e as ‘bicadas’ à Altice

A corrida à compra do Novo Banco está limitada a dois grupos chineses, Fosun e Anbang, e um norte-americano, Apollo. António Costa diz não ter qualquer “tipo de preconceito” relativamente à origem do investimento estrangeiro” e acrescenta que “a China tem sido inteligente em perceber as oportunidades que tem tido para tomar uma posição em vários sectores estratégicos pela primeira vez na Europa”. O que deixa “menos satisfeito” o líder do PS “é verificar que, até agora, nenhum desses investimentos directos estrangeiros serviu para criar novos activos, novos projectos empresariais ou novos postos de trabalho”.

Quanto à compra da PT Portugal pela Altice, dá voz às suspeitas de que o grupo francês se prepara para fazer despedimentos, seguindo uma estratégia que já aplicou noutros activos que comprou, aguardando apenas que as eleições se realizem para a concretizar. “O que se aguarda é que passem as eleições para que o grupo comprador faça aquilo que tem feito em todo o sítio onde tem comprado empresas, mas que esperará pelas eleições para concretizar esse projecto”, diz António Costa, sem nunca pronunciar o nome da Altice. ■

REDACÇÃO ABERTA **ANTÓNIO COSTA**

“

Quando a ministra das Finanças põe aquele ar cândido e diz ‘temos os cofres cheios’, as pessoas mais desprevenidas pensam que ela foi poupadinha e juntou ali um mealheiro com o que nós pagámos a mais de impostos. Mas não é nada disso. Ela fez uma outra coisa: utilizar e aproveitar a redução da taxa de juro para refinarçar a dívida. Contraindo nova dívida em melhores condições financeiras.



**MARIA LUÍS
ALBUQUERQUE
MINISTRA
DAS FINANÇAS**

“Não se fazem biografias de pessoas no activo”

Está em marcha a escrita de duas biografias sobre o actual secretário-geral do PS. Uma da autoria de Bernardo Ferrão e Cristina Figueiredo (jornalistas do Expresso) e outra assinada por Octávio Lousada de Oliveira e Miguel Marujo (jornalistas do Diário de Notícias). António Costa diz desconhecer “o conteúdo dessas publicações” que deverão ser editadas antes das eleições legislativas, e acrescenta que não falou “com nenhum dos autores” desses livros.

Para o líder socialista trata-se de uma questão de princípio. “Acho que não se fazem biografias de pessoas no activo e muito menos em período de campanha eleitoral. Porque, ou são peças ridículas e de propaganda como aquela que a assessora do PSD [Sofia Aureliano] escreveu em nome do primeiro-ministro ou são coisas de combate político, mas obviamente não são biografias. Desconheço qualquer uma delas, mas conheço suficientemente a minha vida para não estar curioso sobre elas.” ■

“É um perigo” o Estado não ter a maioria da TAP

O PS manifestou-se contra a venda da maioria do capital da TAP - que o Governo entregou com a alienação de 61% ao consórcio Gateway, liderado por Humberto Pedrosa e David Neeleman -, chegando mesmo a aventar-se a possibilidade de reverter esta privatização caso os socialistas cheguem ao poder. Na Redacção Aberta do Negócios, António Costa moderou a semântica, mas insistiu em que a melhor solução seria o Estado manter uma posição accionista maioritária na companhia. “Reverter ainda é um verbo algo precipitado porque pressupõe que já há alguma coisa consumada. O que existe até agora é um contrato-promessa, sujeito ainda a várias autorizações. Portanto, aguardemos para ver qual é o estado de maturidade desse contrato no momento em que se realizarem as eleições”. O secretário-geral do PS deixou, no entanto, duas garantias. “O país é um Estado de direito e por isso só se fará aquilo que for possível na estrita legalidade. Em segundo lugar, quanto à questão de fundo, não tenho nenhuma posição diferente da que tinha no passado, que é o entendimento de que é um erro e um perigo para o país não manter uma participação pública maioritária na TAP.” ■

Um presidente à imagem de Eanes, Soares e Sampaio

O candidato presidencial que o PS irá apoiar na corrida a Belém é um tema que António Costa, para já, quer manter fora da agenda. O líder socialista escusa-se a avaliar a candidatura de Sampaio da Nóvoa e também a possibilidade de Maria de Belém entrar nesta disputa. António Costa sublinha que o PS “tem por hábito não apresentar candidatos, mas candidatos que se apresentem” às eleições. Por isso, acrescenta, “no momento próprio avaliaremos os candidatos que existem na nossa família política e tomaremos a decisão de apoiar aquele que nos pareça em melhores condições para renovar em Belém os mandatos de que o país tem saudades, do general Eanes,

do doutor Mário Soares e do doutor Jorge Sampaio. São três presidentes que consensualmente o país identifica como excelentes presidentes da República”.

Questionado sobre a disponibilidade de Maria de Belém, que saiu da presidência do PS com a eleição de António Costa, o líder socialista invoca a sua condição para contornar o tema. “Desde que sou secretário-geral do PS que estou muito limitado na minha capacidade de me pronunciar. Tenho obviamente de ter em conta que a palavra do secretário-geral compromete o partido de uma forma diversa do que quando era apenas um militante do PS.” ■

As agências de “rating” são “lixo”

António Costa tem uma opinião demolidora sobre as agências de “rating”, considerando que “contribuíram muito gravemente para o endividamento generalizado do Estado, das famílias, das empresas, e não deram, até agora, qualquer contributo sério para uma gestão mais regulada do mercado de capitais. O líder socialista socorre-se da sua experiência enquanto autarca para explicar esta avaliação negativa. “São lixo, por isso é que rescindi o meu contrato com todas quando era presidente da Câmara de Lisboa. Enquanto a Câmara foi aumentando a sua dívida elas deram sempre boas notas.

Depois, quando a dívida explodiu, a Câmara caiu e houve eleições antecipadas, nós quisemos regularizar a nossa situação económica e as mesmas agências quiseram rever o ‘rating’ afirmando que ‘isto, afinal, está muito mau’. Nesse ponto eu disse: ‘vão rever o ‘rating’ para vossa casa que eu trato de pagar a dívida’. E assim foi. Felizmente fiquei esclarecido sobre as agências de ‘rating’”. Como consequência desta avaliação “péssima” sobre estas instituições, António Costa defende que é preciso mudanças. “Com esta crise, uma das coisas que é preciso é pôr ordem nessa coisa dos ‘ratings’”. ■

REDACÇÃO ABERTA **ANTÓNIO COSTA**

O QUE DIZ SOBRE



PASSOS COELHO
LÍDER DO PSD

“Conheço mal. É um produtor de monólogos.”



PAULO PORTAS
LÍDER DO CDS/PP

“É talvez a exuberância da insustentável criatividade na vida política, mas com um grande e indiscutível brilho.”



ANGELA MERKEL
CHANCELER ALEMÃ

“É uma chanceler vigorosa.”



CATARINA MARTINS
PORTA-VOZ DO BE

“Só lhe tenho registado o timbre da voz. Fora isso não lhe registei ainda mais nada.”



CARLOS COSTA
GOVERNADOR DO BANCO DE PORTUGAL

“Desejo-lhe as maiores felicidades. Lamento muito que tenha estado aquém daquilo que era um contributo essencial para o reforço da confiança no nosso sistema financeiro.”



ANTÓNIO JOSÉ SEGURO
EX-LÍDER DO PS

“É o ex-secretário-geral do Partido Socialista.”



JERÓNIMO DE SOUSA
LÍDER DO PCP

“Conheço bem porque é um grande benfiquista, o que é uma qualidade muito importante.”



CAVACO SILVA
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

“Um presidente em fim de mandato.”

